

# CFESS Manifesta

Dia Internacional de Combate à Tortura

Brasília (DF), 26 de junho de 2020

Gestão Melhor ir à luta com raça e classe em defesa do Serviço Social



CFESS  
CONSELHO FEDERAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

[www.cfess.org.br](http://www.cfess.org.br)

## VIDAS NEGRAS IMPORTAM



João Pedro

Ágatha

Iago

Miguel

CHEGA DE VIOLÊNCIA DO ESTADO

“**Cada negro que for  
Mais um negro virá  
Para lutar  
Com sangue ou não**”  
(RONALDO BÔSCOLI E WILSON SIMONAL)



**Quase 500 anos depois, nossa Constituição Federal de 1988, em seu texto legal, expressa que “Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante”. Porém, o abismo entre o texto legal e a realidade da maioria da população brasileira é abissal.**

**Tortura:** *Suplício, tormento, maus-tratos extremos, infligido(s) a alguém. Grande mágoa. Lança difícil.* (Dicionário Aurélio).

**T**ratamentos desumanos, degradantes, negação de direitos, tentativas de apagamento da memória, da cultura, da história e das resistências nos perseguem desde 1500.

O mês de junho marca a Regulamentação da Profissão de Assistente Social (7/6) e diversas datas de luta contra as violências, importantes bandeiras da categoria, desde o enfrentamento à degradação ambiental com a defesa do meio ambiente (5/6), o repúdio ao trabalho infantil (12/6), à desproteção social dos/as refugiados/as (20/6), à violência contra idosos/as (15/6), a reivindicação por uma educação não sexista (21/6), que contribua, inclusive, para a não ocorrência de situações de violências contras as mulheres e a população LGBTI+. Com esta, celebramos o Dia Mundial do Orgulho LGBTI+ também neste mês (28/6). A negação do direito à vida é uma tortura cotidiana na vida de brasileiros/as neste país. E quem é preta e pobre sente primeiro os cortes de direitos humanos e sociais.

Nosso país colonizado, sob a égide imperialista, possui, em suas raízes, as marcas da exploração do território e dos corpos. A dizimação da população indígena, o tráfico de pessoas negras do continente africano, a exploração dos meios naturais pelo homem branco colonizador fez com que o Brasil fosse certificado como o país da “negação sistemática da humanidade do outro com vistas à sua exploração e dominação”, como aponta Deivison Mendes Faustino (veja referência no “Para ler mais”). Do ano de 1.500 para cá, nossa sociedade permanece estruturalmente desigual, opressora, desumanizadora, forjada na exploração, na tortura, no patriarcado, no racismo, na discriminação, no preconceito.

Quase 500 anos depois, nossa Constituição Federal de 1988, em seu texto legal, expressa que “Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante”. Porém, o abismo entre o texto legal e a realidade da maioria da população brasileira é abissal.

Recentemente, Mirtes Renata Santana de Souza (33 anos, trabalhadora doméstica), mulher negra, mãe do menino Miguel Otávio, 5 anos, que caiu do 9º andar de um condomínio de luxo em Recife (PE) quando estava sob cuidados de sua patroa, ao perder seu filho e manifestar indignação com o tratamento que a justiça havia dispensado à responsável pelos cuidados com a criança no momento do ‘acidente’, declarou que “se fosse o contrário, eu acho que eu não teria nem direito a fiança. [...] foi uma vida, uma vida que se foi por um pouco de falta de paciência”.

Esse caso não é só um caso, ele apresenta uma desumanização sistemática. A reprodução dos mecanismos de sofrimento sufoca o povo negro cotidianamente. Obrigar uma trabalhadora doméstica a cumprir o expediente, negando-lhe o direito ao isolamento social como medida preventiva à covid-19, e de estar com seu filho, em um período em que não há funcionamento de creches ou escolas para lhe darem suporte, é desumanizar o/a outro/a. É degradante. E mais uma vida se foi. Até quando?

Sabemos que, nos últimos meses, o capitalismo mundial foi assolado por um vírus que escancarou as desigualdades preexistentes. Da Ásia para o mundo, assim como acontece com as mercadorias, a covid-19 ultrapassou fronteiras. A necropolítica passou a ser noticiada mundo afora. As imagens das valas comuns, para enterrar mortos nos Estados Unidos, na Europa, na América Latina, se somam aos cadáveres nas ruas do Equador e às covas abertas no Brasil. Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que há mais de 468 mil mortes pelo mundo. Segundo informações do Consórcio dos veículos de comunicação de 22 de junho de 2020 (fonte de pesquisa, em virtude da omissão de dados por parte do Ministério da Saúde e do negacionismo científico do governo federal), o Brasil contabiliza mais de 50 mil mortes, sendo 1.090.349 casos confirmados. O país chegou a ter mais de 1,2 mil mortes registradas em um dia.

George Floyd foi morto várias vezes pelo governo dos Estados Unidos (EUA), cujas autoridades, mesmo após sua morte, não informaram o resultado da testagem para covid-19 à família. Somente na autópsia encomendada por familiares, foi revelada a testagem positiva. Esses são alguns dos atos do país que inspira politicamente o atual presidente do Brasil, defensor da ditadura militar, da tortura, censura e do fascismo. Nós, assistentes sociais, devemos ter compromisso com a memória e resistência. Ditadura Nunca Mais!

Um governo que exalta a tortura, pune, retalia quem se contrapõe às suas ideias, censura dados, nega a ciência, nega o acesso à



Material da exposição **Assistentes Sociais no Combate ao Racismo** denunciou a violência que atinge a população pobre e preta



Levantamento do site Alma Preta apontou os objetos “confundidos” pela polícia como arma

informação. Reprime manifestantes e toda a classe trabalhadora como nos tempos da escravização, quando os senhores da casa grande treinavam seus cães para caçarem negros/as que se rebelavam e fugiam das fazendas para os quilombos.

O Brasil atualmente é o epicentro desta pandemia na América Latina; morre uma pessoa por minuto. E governantes revelam um extremo desprezo pelas vidas dos/as índios/as, negros/as e pobres, cerceadas e executadas pelo Estado.

Em nosso país, as marcas da colonização e a herança escravocrata seguem torturando vidas e matando gente, flexibilizando direitos, negando acesso a serviços básicos, atacando a ciência, cultivando uma verdadeira política de morte.

No capitalismo, as oportunidades de “igualdade” inexistem e o acesso a bens e serviços não são as mesmas para toda a população. A pobreza tem relação com processos históricos que se influenciam reciprocamente - colonização, o regime escravocrata e seu particular desenvolvimento desigual e combinado. A verdadeira “cara” da pandemia que sufoca as pessoas, historicamente, está aparecendo: o genocídio dos/as trabalhadores/as e do povo pobre de todo o mundo, dos países imperialistas e semicoloniais. Da área urbana à zona rural, chega aos povos e comunidades tradicionais, assim como às periferias. É degradante. Temos, além da doença, a precarização das condições de moradia ou a falta dela, desemprego, a falta de água e de esgoto, a expansão da violência estatal (polícia e outras instituições) e a total ausência de liberdade. Isso é tortura!

A classe trabalhadora prossegue, no cotidiano dessa pandemia, trabalhando ou en-

frentando as filas para receber o auxílio emergencial – “você não tem medo de estar aqui e pegar vírus? O trabalhador responde: ‘Melhor morrer de barriga cheia, que barriga vazia’”. Isso é tortura!

A juventude periférica e negra mantém-se em uma luta constante pela sobrevivência, inclusive devido às “mortes matadas” (expressão popular que remete à violência, diferenciando-se da “morte morrida”, que seria por causas naturais. Ambas expressões constam, inclusive, no clássico livro “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto). No caso, a “morte matada” da juventude periférica e negra é resultado do braço armado do Estado, cuja violência policial destaca-se como tortura.

Ser jovem negro/a nessa sociedade significa ter a possibilidade de morrer, mesmo estando em casa em isolamento social ou, ainda, sentado/a na calçada com amigos/as.

Diante dessa crise econômica, social e política, a juventude segue nas ruas por meio das manifestações contra o racismo, feminicídio e todo tipo de opressão, contra o genocídio de uma classe (a trabalhadora), de homens, mulheres, jovens, crianças e adolescentes.

Estima-se que 49% das vítimas do coronavírus são pessoas negras, pois grande parte das notificações disponibilizadas no único boletim epidemiológico do Ministério da Saúde não têm informações sobre quesito raça/cor dos/as infectados/as e vítimas da covid-19. Dados divulgados em matéria do Uol (19/5/2020) revelaram que:

- Pessoas pretas e pardas somam 54,8% das mortes por covid-19 no Brasil;
- Pessoas brancas são maioria entre os/as in-

ternados/as (51,4%), mas minoria entre os/as mortos/as (43,1%);

- Pessoas pardas são 38,7% dos/as hospitalizados/as, mas 47,3% das vítimas fatais por covid-19;

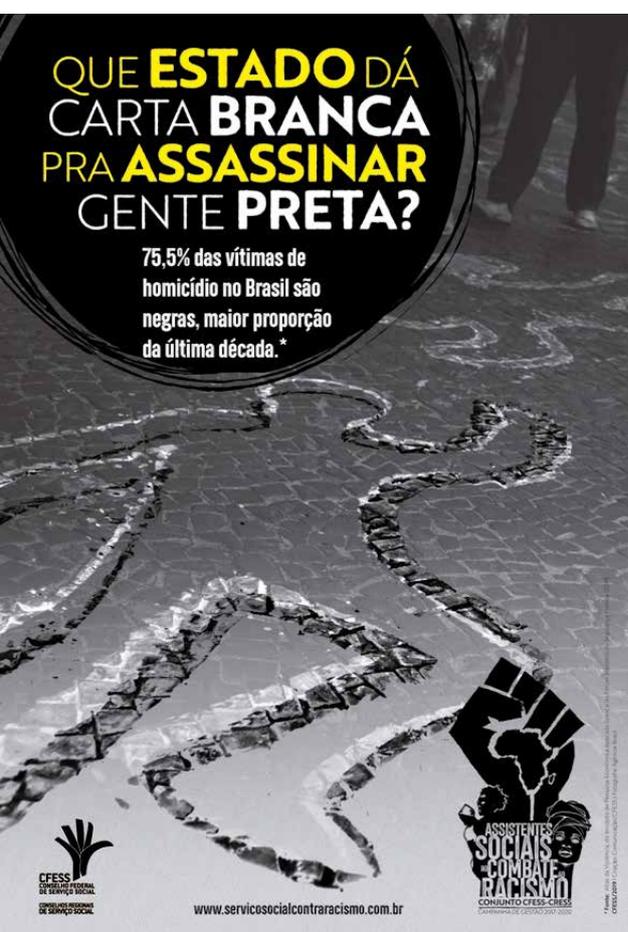
Tais dados representam o reflexo de vários marcadores históricos que recaem, de maneira contundente, na população negra. Revelam ainda que essa população é torturada todos os dias, é quem sofre com os maiores níveis de desigualdade e são os/as maiores mandatários/as das políticas sociais. Portanto, são as pessoas que chegam aos serviços em que assistentes sociais se inserem. Nestes, os/as profissionais precisam compreender que as violências e desigualdades neste país possuem cor, gênero e classe social. Isso permitirá

“ Em nosso país, as marcas da colonização e a herança escravocrata seguem torturando vidas e matando gente, flexibilizando direitos, negando acesso a serviços básicos, atacando a ciência, cultivando uma verdadeira política de morte.”

► entender as múltiplas facetas do racismo estrutural que permeiam as relações sociais. Essa realidade pode ser vista na campanha de gestão CFESS-CRESS 2017-2020 “Assistentes Sociais no combate ao Racismo”, em especial no cartaz que diz “Se cortam direitos, quem é preta e pobre sente primeiro”. Daí a responsabilidade e contribuição das/os assistentes sociais no combate ao racismo desde a formulação a execução dos serviços, para expandir a reflexão-ação junto a todos os sujeitos envolvidos – usuários/as e o conjunto de trabalhadores/as e movimentos sociais.

Nós, assistentes sociais, precisamos fortalecer no nosso cotidiano profissional o compromisso ético-político com a “defesa intransigente dos direitos humanos” e “empenho na eliminação de todas as formas de preconceito”. Urge a construção de alternativas coletivas, para somar forças e combater qualquer tortura em todos os âmbitos da vida.

Apesar do racismo, preconceito, opressões, discriminações, perseguições, agressões e assassinatos, existe uma ampliação das reivindicações e da tomada de consciência do povo negro para transformação da realidade, por meio das próprias narrativas construídas política e coletivamente, como estratégia de resistência e combate à série histórica de tortura.



## CHEGA DE TORTURA, CHEGA DE BARBÁRIE E DE VIOLÊNCIAS. PAREM DE NOS MATAR!

Em memória de Ágatha Vitória Sales Félix, 8 anos; João Pedro Mattos Pinto, 14 anos; Miguel Otávio Santana da Silva, 5 anos; Amarildo Dias de Souza, 43 anos; Claudia Ferreira da Silva, 38 anos; Guilherme Silva Guedes, 15 anos; Alan de Souza Lima, 15 anos; Marielle Franco, 38 anos; Evaldo dos Santos Rosa, de 51 anos; Antonio Alves de Freitas, 62 anos; Pedro Henrique Gonzaga, 19 anos; Evson Pereira dos Santos, 27 anos; Ricardo Vilas Boas Silvia, 27 anos; Jeferson Pereira dos Santos, 22; Eric Garner, 43 anos; João Luis Pereira Rodrigues, 21 anos; Adriano de Souza Guimarães, 21 anos; Vitor Amorim de Araújo, 19 anos; Iago César dos Reis Gonzaga, 21 anos, Agenor Vitalino dos Santos Neto, 19 anos; Bruno Pires do Nascimento, 19 anos; Lucas Eduardo Martins dos Santos, 14 anos; Tiago Gomes das Virgens, 18 anos; Natanael de Jesus Costa, 17 anos; Rodrigo Martins de Oliveira, 17 anos; Caique Bastos dos Santos, 16 anos; George Floyd, 46 anos. **PRESENTES! Todos/as mortos/as, vítimas de violência do Estado, da burguesia brasileira e internacional.**

Cartaz da campanha Assistentes Sociais no Combate ao Racismo denunciou a política de Estado genocida contra a população negra

“ A voz de minha filha recolhe em si A fala e o ato O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha Se fará ouvir a ressonância O eco da vida – liberdade ”  
(CONCEIÇÃO EVARISTO)

## PARA SABER MAIS

Reportagem Uol: Pretos e pardos já são maioria entre as vítimas que morreram por covid-19 (19/5/2020)

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro.** 1 ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018, p. 87).

**Serviço Social, Memórias e Resistências contra a Ditadura**, livro de relato sobre as violações sofridas por assistentes sociais no período da Ditadura Militar (disponível no site do CFESS - [www.cfess.org.br](http://www.cfess.org.br)).

Campanha de Gestão 2017-2020 Assistentes Sociais no Combate ao Racismo [www.servicosocialcontraracismo.com.br](http://www.servicosocialcontraracismo.com.br)

## Gestão Melhor ir à luta com raça e classe em defesa do Serviço Social (2020-2023)

**Presidenta** Elizabeth Borges (BA)  
**Vice-presidenta** Maria Rocha (PA)  
**1ª Secretária** Dácia Teles (RJ)  
**2ª Secretária** Daniela Möller (PR)  
**1ª Tesoureira** Kelly Melatti (SP)  
**2ª Tesoureira** Franciele Borsato (MS)

**Conselho Fiscal**  
Lylyia Rojas (AL), Priscilla Cordeiro (PE)  
e Alessandra Dias (AP)

**Suplentes**  
Elaine Pelaez (RJ)  
Carla Pereira (MG)  
Mauricleia Soares (SP)  
Agnaldo Knevit (RS)  
Dilma Franclin (BA)  
Emilly Tenorio (ES)  
Ruth Bittencourt (CE)  
Eunice Damasceno (MA)  
Kênia Figueiredo (DF)

### CFESS MANIFESTA

**Dia Internacional de Luta contra a Tortura Conteúdo (aprovado pela diretoria):**  
Dilma Franclin, Emilly Tenorio e Mauricleia Soares  
**Organização:** Comissão de Comunicação  
**Revisão:** Diogo Adjuto  
**Artes, ilustrações e diagramação:**  
Rafael Werkema